

CONCLUSÃO

Ao final de nossa pesquisa, consideramos pertinente uma reflexão a respeito dos seguintes pontos:

1. Terá válido a pena deixar entrever o cenário histórico da correspondência escrita, abordando, mesmo que brevemente, a história dos correios e a epistolografia?
2. A leitura crítica de alguns manuais de cartas genéricos e de um manual específico de cartas de amor contribuiu, efetivamente, para a análise da correspondência amorosa de Ruy Barbosa e de Monteiro Lobato às suas respectivas noivas?
3. A seleção de alguns textos clássicos da literatura, que se inicia com o texto bíblico do Antigo Testamento, o *Cântico dos Cânticos*, chegando até à concepção rousseauiana de amor, no século XVIII, apresentada no romance epistolar *Júlia ou a Nova Heloísa*, subsidiou a análise dos sistemas metafóricos conceituais de amor de nossos correspondentes?
4. Finalmente, é viável considerar a troca de cartas, a partir de uma abordagem interacionista, como uma conversa à distância?

Se conseguimos em nossa dissertação responder a contento a estas questões, nosso trabalho terá contribuído, ainda que minimamente, para os estudos pragmáticos da língua portuguesa.

Nossa preocupação em recolher dados a respeito da **história dos correios**, no primeiro capítulo, partiu da constatação que obtivemos durante a leitura das cartas de Ruy e de Monteiro que, repetidas vezes, fazem alusão à eficiência e à segurança do transporte do objeto-carta que, durante o trajeto, poderia ser violado, revelando os segredos que só diziam respeito ao remetente e à sua destinatária, ou extraviar-se, perdendo-se definitivamente, ou retardando a chegada ao seu destino. Tudo isso é acusado na seqüência das cartas que estudamos, mudando, muitas vezes, o teor das mensagens futuras.

Além do mais, tratava-se, na época de ambos, do principal meio de comunicação à distância. É verdade que já existia o telégrafo, mas este era usado com cautela, pois seu custo era alto. Ruy Barbosa, por exemplo, a respeito de um telegrama que recebera de um amigo a quem pedira notícias de sua noiva, recebe uma única palavra em resposta: *Triste*. Exageros à parte, uma correspondência por telegramas não devia ser viável, como não é até os nossos dias. Outro meio de comunicação também breve, mas muito empregado por Monteiro Lobato era o cartão-postal. A troca de cartões-postais entre os noivos era constante e normalmente eles eram o arauto das cartas. Sabemos também da impossibilidade do uso do telefone, inventado na época da troca de correspondência de Ruy e Maria Augusta e, trinta anos mais tarde, em 1906, de difícil acesso para Purezinha e Monteiro Lobato.

Com um valor de troca de mensagens, nos seus primórdios, onde a função informacional era a que importava, a carta foi sendo aperfeiçoada, seguindo as normas da retórica e evoluindo para um gênero literário específico, a **epistolografia**. Personalidades do mundo antigo, como Cícero, tinham já a preocupação com leitores que não eram os destinatários específicos da correspondência efetivamente enviada e respondida. Muitos deles guardavam sempre uma cópia da carta como medida de segurança, pois, como aconselhava Roquette Pinto, no século passado, o amigo de hoje pode ser o inimigo de amanhã que, de posse de nossos segredos pode nos prejudicar, ou ainda, colocar em nossa boca, isto é, em nossas cartas, palavras que nunca pronunciamos.

Além disso, alguns intelectuais tiveram o cuidado de publicar parte de sua correspondência, preocupados em divulgar suas idéias ou em erigir modelos de cartas, criando padrões e ditando normas que, mais tarde vão ser seguidas pelos manuais que estudamos também no primeiro capítulo.

Foi, então, esta preocupação na criação de um pano de fundo para as cartas que nos levou à pesquisa realizada, pois não podemos nos esquecer de que uma carta é diferente de qualquer outro texto e sua especificidade se deve certamente aos elementos que apresentamos. As cartas de nosso *corpus* são objetos únicos e seu contexto é de vital importância para uma apreciação mais

detida. Não pudemos ter em mãos os originais da correspondência estudada, mas o fato de estudarmos seus suportes proporcionou-nos a sensação de estarmos quase em sua presença, levando-nos às considerações a respeito da interação por escrito que apresentamos no quarto capítulo.

Os manuais de cartas de qualquer tipo, e o manual de cartas de amor que foram examinados mostraram-se extremamente pertinentes pelo fato de, sem rodeios, apresentarem modelos a serem copiados e orientações a serem seguidas. O que nos levou a refletir a respeito do papel das convenções nas interações humanas, tão importantes para a abertura e a manutenção do circuito comunicativo.

Saber como agir em sociedade, como andar, comer, vestir, conversar e escrever cartas, entre outras coisas era e ainda é governado por meio de etiquetas que cada grupo social convencionou, utiliza e observa se todos obedecem e condena, isolando e ridicularizando quem fugir à norma.

Se cada um tentasse criar suas próprias convenções e não as participasse a outros, viveria isolado num mundo que seria só seu, sendo a insanidade o seu apanágio.

Os argumentos apresentados acima são justificativas para todos nós que, de uma forma ou de outra, empregamos as fórmulas já utilizadas por outros com sucesso e das quais não conseguimos e nem devemos abrir mão. Ninguém deixa de dizer **bom dia**, só porque outros já disseram, ou **obrigado**, porque é uma fórmula desgastada, ou ainda, **parabéns**, porque é muito comum. Que dizer, então, do **eu te amo**, tantas vezes repetido e tantas vezes pronunciado e ouvido com fervor como se estivesse sendo inventado naquele exato instante?

Orientar na feitura das cartas, a partir do tipo de envelope e de papel a ser usado, do modo de saudar e de se despedir do destinatário, das palavras que devem ser usadas, ou simplesmente entregar a quem precisa um poema pronto, é providenciar, para os amantes não muito preparados, armas para a conquista amorosa, tão válidas quanto uma jóia que se compra, um ramo de flores ou uma caixa de bombons.

Felizes daqueles, e evidentemente, tanto Ruy quanto Monteiro aí se incluem, que conseguem falar de amor sendo também originais e criativos. Só que esta originalidade e esta criatividade ocupam apenas uma parte de suas cartas. A concepção de amor que os remetentes têm, as fórmulas de polidez que empregam, o modo como interpelam suas destinatárias e argumentam com elas já foram, certamente, empregados antes, mesmo que eles não tenham consciência disso.

Ruy Barbosa enviava sempre milhares de beijos aos parentes e amigos de Maria Augusta. Ser “beijoqueiro” não era uma prerrogativa sua, todas as cartas de teor íntimo da época costumavam mandar beijos de um cento para cima tanto para o destinatário direto quanto para os indiretos. Seu coração, ele lhe enviava carta após carta, sempre acompanhado de beijos. Entregar o coração a quem se ama é aconselhado até hoje pelos nossos manuais.

Se continuássemos, encontraríamos outros pontos em comum nas cartas dos manuais e nas cartas de nosso *corpus*. Mesmo que Monteiro Lobato declare abertamente sua aversão ao já estabelecido, como depreendemos na citação abaixo:

Às vezes me ponho a cismar de quão paupérrima se te não afigurará minha imaginação, com este constante atrelar das mesmas palavras às mesmas idéias e pensamentos...

suas cartas não fogem ao padrão, ao convencional e, ele mesmo se preocupava com o papel que estava acabando, com a tinta que usava, além de citar trechos de poemas e de músicas à sua destinatária.

Porque, para nós, o amor é fogo, é avassalador, é vital? Isto que está convencionalizado em língua, está conceitualizado em nossas mentes há muito tempo, por isso recorremos a **textos básicos** que foram nos servindo de alimento há mais de dois mil anos. É verdade que o amor foi sucessivamente considerado pelos homens como natural, pecaminoso, necessário ou pernicioso. Mas, em nossa sociedade, os amantes, pelo menos enquanto amam (pois é do amor-paixão que tratamos em nossa pesquisa), consideram que o amor é verdadeiro, é

mútuo, é eterno, é insubstituível; acreditam que o amor é uma necessidade; sentem-se atraídos irresistivelmente pelo objeto amado; e definem sua atitude em relação a ele por meio de numerosas emoções e atitudes emocionais como conquista, respeito, devoção, auto-sacrifício, admiração, ternura, afeição, cuidado, sofrimento e saudades.

Por exemplo, a mulher amada por Ruy Barbosa, como vimos em nossa análise era única e a sua prerrogativa maior era a pureza. O amor que ele sentia não era substituído por nada. No *Cântico dos Cânticos*, assim falava o amante à sua amada:

Toda és formosa, amiga minha, e em ti não há mácula.

[...]

*Ainda que um homem dê todas as riquezas
de sua casa pelo amor,
ele as desprezará como um nada.*

O mito da separação do andrógino que, por castigo divino, foi separado e permanece a vida toda ansiando por reencontrar sua outra metade, é narrado no *Banquete de Platão*, por Aristófanes. A metáfora O AMOR COMO UNIDADE que se refere aos amantes que procuram fundir-se num único ser e o sofrimento ocasionado quando se vêem obrigados a se separarem é extremamente recorrente tanto na correspondência de Ruy quanto na de Monteiro.

Ovídio, na *Arte de Amar*, no primeiro século de nossa era, já apresenta como uma das armas para a conquista do objeto amado a carta e nomeia os atributos que ela deve ter para que o intento do amante se realize. Também as cartas de nossos remetentes, uma a uma vão sendo enviadas com a intenção expressa de se fazerem lembrados e de manterem acesa nas destinatárias a chama do amor.

*Vá, pois, como te disse, a epístola primeira
tentar vau, delicada, amante, lisonjeira.*

[...]

Escreve natural – frases simples, sem galas,

porém doce -; em resumo: escreve como falas.

Na Idade Média, o amor de Abelardo e Heloísa, enquanto ficou no plano físico, foi considerado pecaminoso, sendo resgatado apenas quando deixaram de lado a satisfação do corpo e cuidaram da salvação da alma. Fora de Deus não há salvação. Este também é o mote do romance epistolar *Júlia ou a Nova Heloísa*. Rousseau no prefácio da obra escreve:

O entusiasmo é o último grau da paixão. Quando está no apogeu vê o ser amado perfeito, faz dele então seu ídolo, coloca-o no céu, e, como o entusiasmo da devoção toma a linguagem do amor, o entusiasmo do amor toma também a linguagem da devoção.

Tão próximas estão estas palavras do Ruy Barbosa apaixonado e tão semelhante é a concepção que ele tem do amor - para ele sempre carregado de espiritualidade - idealizando sua noiva como seu anjo protetor, que conjeturamos que esta obra de Rousseau deve ter sido muito manuseada por ele.

Em contrapartida, o amor de Monteiro Lobato apresenta uma força telúrica imensa, seu amor é tão forte e poderoso como as forças da natureza. Para os amantes, o tempo urge, o momento para a paixão era aquele da força da juventude, e ele já renunciava para o futuro conjugal a paz e a tranquilidade do amor-amizade. O conceito que mais se aproxima do amor que ele sentia é do AMOR COMO CARPE DIEM, já explorado por Ovídio:

*Despe a serpente a pele, e larga a ancianidade;
muda os ramos o cervo, e torna à mocidade;
mas vós não remoçais. Colhei a flor da vida,
se a não quereis ver murcha e deplorar perdida.*

Os exemplos citados servem para demonstrar que os sistemas conceituais de amor de nossos remetentes foram alimentados por conhecimentos e crenças que carregavam consigo e que nós ainda, no final do século vinte, continuamos a carregar e que estão representados em obras representativas como as que subsidiaram nosso estudo.

Conversar por escrito não é fácil, é preciso cautela, depois de enviada a mensagem, ela não mais pertence ao remetente, mas ainda não chegou ao destinatário, ficando nesse *intermezzo* latente, gerando expectativas. Este interlúdio não acontece na interação oral, onde o *toma lá – dá cá* é um jogo de pingue-pongue: há os interactantes ideais que conseguem jogar, sem deixar a bolinha cair; há os que jogam muitíssimo bem, mas, respeitando o outro mais vagaroso, procura ser cooperativo e polido, executando jogadas simples para que o jogo possa prosseguir; há ainda aqueles que, logo no início da interação, dão um saque fulminante derrubando o seu interactante, pois não deseja interagir com ele.

Escrever cartas é conversar com alguém que está ausente. Escrever cartas íntimas, de amizade e de amor é, antes de mais nada ser cooperativo com o outro. Escrever cartas de amor é inscrever-se no papel, fechar-se no envelope, viajar até o ser amado e ser aberto, ser possuído por ele. Pois é de entrega, posse e comunhão - quando o destinatário se transforma em remetente – que tratamos ao estudar a correspondência amorosa.

As interações por cartas entre Ruy Barbosa e Maria Augusta e Monteiro Lobato e Purezinha demonstraram ser uma longa conversação escrita. Os remetentes masculinos – foram apenas suas cartas que estudamos- eram mais velhos e mais instruídos que suas destinatárias, ambos eram advogados. Ruy Barbosa já era o orador eloqüente e Monteiro, o conversador admirável que conquistava todos os que chegavam até ele.

Maria Augusta devia escrever ao noivo escusando-se pelas falhas de suas cartas, pois ele, mais de uma vez, interessado que estava em manter a interação, extremamente cooperativo, polidamente lhe declara:

Cota, essas palavras; elas são todo o consolo da minha vida, acerbamente contrariada. Não cuides, não, ter que invejar a outras a instrução superficial e estéril, que ordinariamente têm. Não é essa instrução que dá o espírito, a candura e a bondade. Com isso serás feliz, e felicitar-me-ás. Quanto ao mais, este amor, que em tudo me tem

transformado, infundir-me-á força bastante, para ser-te, além de esposo, mestre solícito e carinhoso.

Purezinha era professora, não devia ter os problemas de Maria Augusta para escrever. Sabemos que, depois de casada, ajudava o marido que lhe ditava as matérias que ele enviava para os jornais. Contudo, ela era muito prática, escrevia cartas curtas, para desespero de Monteiro Lobato. Além do mais, ela tinha receio que as cartas que trocava com o noivo fossem ensaios para futura matéria literária, tanto é verdade que Monteiro declara formalmente em uma carta:

Outra coisa tenho a te dizer: nunca, no que eu escrever, revejas qualquer frase ou idéia alusiva a ti – e se o houver dir-te-ei. Tu vives fora do mundo sobre o qual escrevo; vives cá dentro, unida ao meu coração, colaborando no que eu faço, nunca dando assunto a estudos.

Tratar da carta de amor, não apenas como texto, mas estudando, de maneira abrangente, a história dos correios e da epistolografia; os manuais; alguns textos emblemáticos de nossa cultura greco-judaica-cristã; antes de estudar a correspondência amorosa de Ruy Barbosa à Maria Augusta e de Monteiro Lobato à Purezinha, proporcionou-nos elementos para futuras pesquisas mais específicas tanto no tratamento da metáfora conceitual como das correspondências escritas particulares, representadas durante séculos pela interação remetente- destinatário.